

Almôço

13/1/57

FOI um negócio que Antônio Maria inventou, fazer o «scratch» carioca de 1956, escolhendo uma pessoa em cada ramo, isso mais ou menos arbitrariamente. Em arquitetura foi escolhido Oscar Niemeyer, em escultura Alfredo Ceschiatti, em pintura Firmino Saldanha, em teatro Maria Clara Machado, em prosa Guimarães Rosa, em verso João Cabral de Melo Neto, em beleza Maria de Lourdes Monteiro, Rainha dos Jogos da Primavera, em música popular Dorival Caymi, em obras sociais dom Helder Câmara, em atletismo Ademar Ferreira da Silva.

Aí estão dez. Na hora de inteirar o onze, Antônio Maria cometeu uma odiosa injustiça, movido pela amizade ou pelo chamado espírito de panelinha, e lá meteu este velho Braga. Entrei como repórter. Meu primeiro movimento foi não aceitar. Sou no fundo um homem honrado, como todos os Braga de Cachoeiro. Não, não aceitaria — e isso até ficaria bonito. Pois sim! Acabei aceitando. Desenvolvi vários argumentos íntimos a favor de aceitar; no fundo aceitar não era um ato de vaidade; vaidade maior seria não aceitar; além disso, que diabo, nesse ano de 1956 eu trabalhei mesmo como repórter, encinerei Eva Peron, chovi estrôncio 90; além disso a companhia era tão ilustre que seria um crime eu refugá-la; e afinal de contas eu estava fazendo 44 anos de idade e mais de 25 de tarimba de jornal e nunca fui eleito nada, nunca tive prêmio nenhum, nunca tirei primeiro lugar de coisa alguma na minha vida — ah, não resisti, confesso. Botei gravata nova e fui para o almôço de «O Globo» em que dom Helder Câmara propusera reunir os favelados, perdão, os selecionados.

Dos onze havia um ausente do país, o poeta Cabral, que está sevilhando; era preciso substituí-lo por alguém na mesa; dom Helder Câmara propôs Herbert Moses, nosso eterno presidente, e todo mundo achou ótimo — embora no fundo eu preferisse Irene Hozco. Dos outros só faltou Dorival Caymi, ausente em Maracangalha; baiano sempre faz sua baianada, pensamos todos, e o substituímos por João Condé, que não canta coisa alguma mas também é gordo e tem cabelos brancos, é uma espécie de Caymi de cara pálida.

Falou Antônio Maria, falou Roberto Marinho oferecendo o almôço (bom peixe boa carne, bons vinhos) e, no meio daquela gente importante, eu também me sentia importante, e como sentei ao lado de Lourdes Monteiro (que vai ser Miss Brasil e Miss Universo de 1957, se inda houver justiça no mundo) até bonito eu me sentia um pouco, até rico acionista de «O Globo», e vagamente campeão de salto triplice. Tiraram retratos (estavam lá Hélio Fernandes, da «Revista da Semana», e Darwin Brandão, de «Manchete») disseram muitas coisas bonitas uns para os outros — mas de repente, ao som dos vinhos, no meio da glória, me deu uma pequena tristeza terna e fiquei um instante longe, de cara bôba, pensando em ti — humildemente, suavemente pensando em ti.